

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO VETOR DE TRANSFORMAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: TENDÊNCIAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

**Beatriz Maria Zoppo; beatriz.z@uninter.com; Centro Universitário Internacional
UNINTER**

**Deisily de Quadros; desilu.q@uninter.com; Centro Universitário Internacional
UNINTER**

**Kellin Crsitina Melchior Inocêncio; kellin.i@uninter.com; Centro Universitário
Internacional UNINTER**

Modalidade: Artigo

Área Temática: Inteligência Artificial (IA) e o novo ecossistema de aprendizagem

Resumo:

Este estudo apresenta uma análise das tendências de aplicação da Inteligência Artificial (IA) na Educação a Distância (EaD), com foco estrito nas dimensões de ensino e aprendizagem. A partir de uma revisão sistemática da literatura cobrindo o período de 2019 a 2024, a pesquisa investiga como a IA transcende a automação instrumental para reconfigurar as dinâmicas pedagógicas. Os resultados indicam a consolidação de três eixos estruturantes: a personalização da aprendizagem via sistemas adaptativos; a revolução das práticas avaliativas, que migram da verificação de conteúdo para a análise de competências complexas e pensamento divergente; e a emergência de novos paradigmas de competência docente, ancorados no modelo Intelligent-TPACK (extensão do modelo TPACK -Conhecimento Tecnológico, Pedagógico e de Conteúdo) que inclui a inteligência artificial (IA) no processo de ensino. Discute-se a tensão entre a eficiência algorítmica e a autonomia intelectual, alertando para os riscos de dependência tecnológica e a necessidade de frameworks éticos que garantam a equidade e a integridade acadêmica na era da IA generativa.

Palavras-chave:

Inteligência Artificial na Educação; Educação a Distância; Aprendizagem Adaptativa; TPACK; Avaliação da Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EaD) historicamente enfrentou o desafio do "triângulo de ferro" da educação: a dificuldade de equilibrar acesso, qualidade e custo. A massificação do ensino



online, embora tenha democratizado o acesso, frequentemente resultou em modelos pedagógicos padronizados, conteudistas e com baixos índices de interação individualizada. No entanto, a recente ubiquidade da Inteligência Artificial (IA) e, mais especificamente, o advento da IA Generativa e dos Grandes Modelos de Linguagem (LLMs), inaugurou um novo horizonte de possibilidades que promete romper com a lógica industrial da educação.

Não se trata mais apenas de digitalizar conteúdo ou automatizar processos administrativos, mas de utilizar algoritmos para orquestrar experiências de aprendizagem personalizadas e responsivas. A literatura recente sugere que a IA está catalisando uma mudança paradigmática, movendo a EaD de um modelo de "transmissão para muitos" para um modelo de "tutoria para cada um". Contudo, essa promessa tecnológica carrega consigo complexidades éticas e pedagógicas significativas. A caixa dos algoritmos, o risco de viés e a redefinição do papel do professor são questões que exigem análise crítica rigorosa.

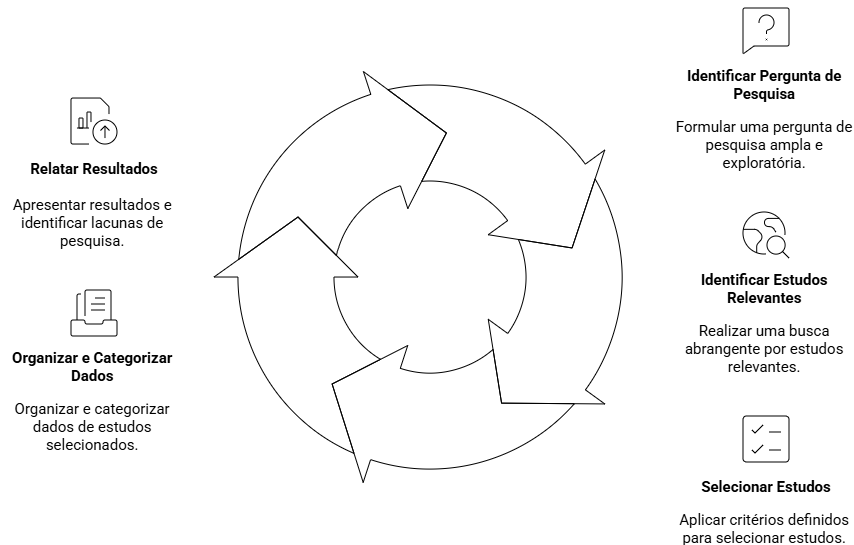
Este artigo propõe-se a responder à seguinte questão de pesquisa: Quais são as tendências pedagógicas emergentes na aplicação da Inteligência Artificial na Educação a Distância e como elas reconfiguram os processos de ensino, aprendizagem e avaliação? O objetivo é mapear e discutir as tendências de aplicação da Inteligência Artificial (IA) na Educação a Distância (EaD), com foco estrito nas dimensões de ensino e aprendizagem.

2 Metodologia

Para atender aos objetivos propostos, realizou-se uma revisão bibliográfica sistemática e exploratória, seguindo o modelo proposto por Arksey e O'malley, (2005) utilizando a base de dados Scopus como fonte primária. O ciclo de revisão do escopo da pesquisa está demonstrado na Figura 1.

Figura 1 – Revisão de escopo

Ciclo de Revisão de Escopo



Fonte: as autoras adaptado de Arksey e O'malley (2005)

A metodologia apresentada na figura 1 representa o Ciclo de Revisão de Escopo, conforme descrito por Arksey e O'malley (2005) um processo contínuo e sistemático destinado a mapear a produção científica sobre um determinado tema e identificar lacunas que orientem futuras investigações.

Esse ciclo iniciou-se com a formulação de uma pergunta de pesquisa “Quais são as tendências pedagógicas emergentes na aplicação da Inteligência Artificial na Educação a Distância e como elas reconfiguram os processos de ensino, aprendizagem e avaliação?”. Essa pergunta que serviu como eixo central de todo o processo realizando-se uma busca por estudos relevantes na base de dados Scopus.

Com o conjunto inicial de estudos identificado, passou-se à seleção dos materiais, aplicando critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. O recorte temporal estabelecido foi de 2019 a 2024, período que abrange a maturação dos sistemas de Deep Learning e a explosão da IA Generativa pós-2022. Os descritores utilizados combinaram termos como "Artificial Intelligence", "Distance Education", "Adaptive Learning", "Assessment" e "Teacher Education".



A análise do corpus selecionado priorizou estudos empíricos e revisões sistemáticas que abordassem diretamente o impacto da IA nas interações pedagógicas. Foram excluídos estudos focados exclusivamente em aspectos técnicos de arquitetura de software ou aplicações administrativas, a fim de manter a coerência temática sobre os processos de ensino e de aprendizagem

Os estudos que atendiam aos critérios foram submetidos à etapa de organização e categorização dos dados, na qual informações importantes — como objetivos, metodologias, resultados e conclusões — são extraídas e sistematizadas. Essa sistematização permitiu reconhecer padrões, temas recorrentes e pontos de tensão no campo investigado.

Após os dados terem sido organizados passou-se para o relato dos achados apresentando de forma clara e descritiva o que foi encontrado, bem como destacando as lacunas existentes na literatura. Esse momento final não apenas sintetiza o estado do conhecimento sobre o tema, mas também abre espaço para novas questões e direções de pesquisa, evidenciando o caráter cíclico da revisão de escopo. Assim, o processo pode reiniciar a partir de novos questionamentos, enriquecendo continuamente a compreensão sobre o fenômeno estudado.

A síntese dos dados foi estruturada em três grandes narrativas teóricas que compõem a seção de desenvolvimento deste artigo: a personalização radical: sistemas adaptativos e a tutoria inteligente; a Revolução da Avaliação: Do Produto ao Processo e à Criatividade; a Docência na Era da IA: O Modelo Intelligent-TPACK e a Ética

3 Referencial Teórico: A Reconfiguração da Práxis Pedagógica pela IA

A inserção da Inteligência Artificial na EaD não deve ser vista como uma mera adição de ferramentas ao arsenal tecnológico existente, mas como uma reestruturação do ecossistema de aprendizagem. A análise da literatura revela que essa transformação ocorre de maneira sistêmica, alterando a forma como o conteúdo é apresentado e como a aprendizagem é monitorada e como o conhecimento pode ser avaliado.

3.1 A Personalização Radical: Sistemas Adaptativos e a Tutoria Inteligente

A promessa mais antiga e persistente da tecnologia educacional que é a personalização do ensino encontra na IA contemporânea sua materialização. Diferentemente dos sistemas lineares do passado, as tecnologias atuais baseadas em machine learning e redes neurais



permitem uma adaptação dinâmica e contínua do currículo. Isso ocorre porque esses sistemas conseguem analisar, em tempo real, vastas quantidades de dados produzidos pelos próprios estudantes, como seu ritmo de leitura, padrões de erro, estratégias de resolução de problemas, preferências de linguagem e até sinais de engajamento ou fadiga.

A literatura aponta para a consolidação dos Sistemas Tutores Inteligentes (STI) como a espinha dorsal dessa tendência. Chetyrbok, Shostak e Alimova (2021) descrevem o desenvolvimento de as tecnologias cognitivas descritas no artigo avançam para um modelo de aprendizagem que opera como um “sistema imunológico artificial”, no qual a plataforma educacional monitora continuamente o desempenho do estudante, identifica sinais de “falhas” no processo de aprendizagem e aciona respostas imediatas e personalizadas. Esse funcionamento se apoia no uso de big data, modelos preditivos, redes neurais e algoritmos adaptativos, capazes de analisar em tempo real cada ação do aluno — desde o tempo de resposta até padrões de tentativa e erro, nível de engajamento e até comportamentos de evasão ou adivinhação.

Ao detectar uma lacuna cognitiva, o sistema não apenas registra o erro, mas o interpreta em profundidade: tenta compreender por que o estudante errou, qual conceito não foi consolidado, qual estratégia de resolução utilizou, e até qual estado emocional ou padrão comportamental está associado ao desempenho. Assim, o erro deixa de ser um resultado final e passa a ser um dado vivo, um indicador que dispara intervenções instantâneas — os chamados “antídotos pedagógicos”.

Esses “antídotos” assumem múltiplas formas, todas mencionadas por Chetyrbok, Shostak e Alimova (2021) :conteúdos remediativos orientados ao ponto exato da lacuna; exercícios de reforço ou práticas adicionais calibradas pela dificuldade necessária; microlições individualizadas, como as oferecidas pela plataforma Century Tech que fragmentam conceitos em pequenas unidades facilmente assimiláveis; mudanças na estratégia instrucional, como a adaptação do ritmo, da sequência ou da modalidade de apresentação do conteúdo (visual, textual, prática); intervenções motivacionais, como feedback dinâmico e elementos de gamificação ajustados ao perfil do estudante.

Essa capacidade de diagnóstico e resposta rompe com a temporalidade tradicional da avaliação — que costuma ser retroativa, somativa e tardia. Em vez de esperar semanas por uma prova para descobrir que um conceito não foi aprendido, o sistema analisa continuamente o “rastro digital” do estudante e antecipa dificuldades, tornando o processo avaliativo



contínuo, formativo e preditivo. Isso é possível graças a modelos que: prevêm a probabilidade de acerto em futuras tarefas; detectam comportamentos como tentativas aleatórias, tentativas de burlar o sistema, dispersão ou fadiga; constroem um perfil em evolução de cada aprendiz, ajustado a cada interação (CHETYRBOK, SHOSTAK E ALIMOVA, 2021)

Assim, o erro é ressignificado: deixou de ser um fim para se tornar um sinal vital, parte constitutiva do processo de aprendizagem. O sistema imunológico biológico não pune o agente invasor — ele o detecta, interpreta e ativa uma resposta calibrada. Da mesma forma, as tecnologias educacionais apresentadas no artigo transformam o erro num indicador que realimenta o processo, permitindo que o estudante avance por meio de ciclos curtos de diagnóstico e intervenção, dinamizando o processo formativo e promovendo maior autonomia e aprendizagem contínua.

Salendab et al. (2025) aprofundam essa discussão ao demonstrar que a personalização via IA não se restringe à cognição, mas afeta diretamente a dimensão afetiva e motivacional do estudante. Ao ajustar o nível de dificuldade das tarefas à zona de desenvolvimento proximal do aluno, os sistemas adaptativos mantêm o estudante em estado de fluxo, aumentando significativamente o engajamento e a retenção. Velmurugan et al. (2025) corroboram essa visão, argumentando que a análise de dados de aprendizagem (Learning Analytics) permite a criação de experiências educacionais que "aprendem com o aluno", evoluindo conforme o perfil de competência do usuário se altera.

Dentro desta lógica de personalização, Rodríguez et al. (2022) destaca-se o conceito de Intelligent Nudging (empurrãozinho inteligente). Os autores exploram como algoritmos podem identificar padrões comportamentais de risco tais como a procrastinação ou a navegação errática e intervir proativamente. Essas intervenções não são meros lembretes automáticos, mas orientações pedagógicas contextualizadas que guiam o aluno de volta à trilha de aprendizagem, promovendo a autorregulação. Essa abordagem transforma a EaD, historicamente marcada pela solidão do aluno, em um ambiente de acompanhamento constante e invisível, onde a tecnologia atua como um mentor onipresente.

3.2 A Revolução da Avaliação: Do Produto ao Processo e à Criatividade

Se a personalização altera a entrega do conteúdo, a IA provoca uma ruptura ainda mais profunda nas práticas avaliativas. O modelo tradicional de avaliação em EaD, frequentemente



limitado a testes padronizados de múltipla escolha devido à escalabilidade, está sendo substituído por sistemas capazes de avaliar competências complexas, pensamento crítico e criatividade.

A emergência de Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) permitiu a automação da correção de questões abertas e ensaios, uma tarefa anteriormente exclusiva da cognição humana. No entanto, a inovação não reside apenas na eficiência da correção, mas na qualidade do feedback. Thomas et al. (2025) discutem o uso de modelos como o LearnLM para fornecer avaliações formativas detalhadas em respostas abertas, oferecendo aos alunos explicações sobre seus erros e sugestões de melhoria que seriam inviáveis para um professor humano realizar manualmente em turmas massivas.

Mais impressionante é a capacidade da IA de avaliar construtos subjetivos. Organisciak et al. (2023) demonstram que modelos de linguagem superam métodos tradicionais na avaliação do "pensamento divergente", uma métrica chave da criatividade. Ao analisar a distância semântica entre conceitos em respostas de alunos, a IA consegue identificar originalidade e inovação, áreas historicamente negligenciadas na avaliação em larga escala. Suazo-Galdames e Chaple-Gil (2025) reforçam que esses sistemas impulsionados por IA são eficazes para fomentar o pensamento crítico, pois permitem que os alunos se engajem em tarefas discursivas complexas sabendo que receberão feedback imediato.

Essa revolução avaliativa traz consigo o desafio da integridade acadêmica. A facilidade com que alunos podem utilizar a mesma IA generativa para produzir textos levanta questões sobre a autoria. Kim (2025) argumenta que estamos em uma era de "detectar o indetectável", onde as ferramentas de detecção de plágio baseadas em IA travam uma corrida armamentista contra os geradores de texto. Sun et al. (2025) sugerem que a solução não é puramente tecnológica, mas pedagógica: a avaliação deve migrar do foco no produto final (o texto entregue) para o processo de construção, onde o uso da IA é integrado e documentado, exigindo do aluno uma curadoria crítica e não apenas uma produção mecânica.

3.3 A Docência na Era da IA: O Modelo Intelligent-TPACK e a Ética

A terceira tendência estruturante refere-se ao impacto da IA na identidade e na prática docente. Longe de tornar o professor obsoleto, a IA exige uma requalificação profunda de suas competências. A literatura recente revisita o modelo TPACK (Technological Pedagogical Content Knowledge) para incluir a dimensão da inteligência artificial.



Celik (2023) argumenta que o avanço da Inteligência Artificial exige uma ampliação do modelo TPACK, dando origem ao Intelligent-TPACK, no qual o conhecimento profissional docente deve incluir não apenas o uso técnico das ferramentas, mas também uma compreensão crítica de como os algoritmos funcionam, suas limitações operacionais e suas implicações éticas e pedagógicas. Assim, o professor não é apenas usuário da tecnologia, mas analisa e regula a forma como a IA toma decisões pedagógicas, criando, recomenda e avalia conteúdos.

Essa perspectiva ao mostrar que a integração da IA provoca tensões na Identidade Profissional Docente (TPI) — entre individualidade e coletividade, humanidade e tecnologia, continuidade e abertura à inovação. Tais tensões influenciam a motivação do professor para adotar ou resistir à IA, exigindo novas competências para equilibrar valores humanísticos, estilos pessoais e exigências tecnológicas.

Nesse cenário, o professor passa a atuar em papéis híbridos, descritos como Navegador, Colaborador e Inventor, que demandam uma relação mais profunda e crítica com a IA. Esses papéis evidenciam que o docente deve interpretar, supervisionar e ajustar as ações algorítmicas, garantindo que a tecnologia complemente — e não substitua — o julgamento humano.

Celik sinaliza de que a formação docente na era da IA precisa ir além da competência técnica. É necessário desenvolver uma literacia algorítmica, ética e identitária que permita ao professor governar a IA pedagogicamente, preservando princípios educacionais e ampliando a inovação.. Xiong e Zhang (2025) destacam que a autoeficácia do professor no uso da IA é um preditor fundamental para sua adoção bem-sucedida. Professores que não compreendem a lógica da IA tendem a subutilizá-la ou, pior, a confiar cegamente em suas recomendações, abdicando de seu julgamento profissional.

Essa dependência é um risco crítico apontado por Pratiwi et al. (2025). O estudo alerta para a possibilidade de a IA criar uma "dependência pedagógica", onde professores e alunos perdem a capacidade de atuar sem a mediação tecnológica. Além disso, a dimensão ética torna-se central. Annamalai et al. (2025) utilizam o framework PAPA (Privacidade, Acurácia, Propriedade e Acessibilidade) para discutir como os dados dos alunos são tratados. A IA na EaD coleta um volume massivo de informações comportamentais; sem uma curadoria ética por parte dos educadores e das instituições, corre-se o risco de vigilância excessiva e de perpetuação de vieses algorítmicos que podem discriminar alunos com base em padrões de dados históricos.



A tendência contemporânea na educação aponta para a redefinição do papel docente, que passa a atuar como designer de experiências de aprendizagem e curador ético da tecnologia. Nesse novo cenário, o professor deixa de ser o mero transmissor ou entregador de conteúdos, função que a inteligência artificial já desempenha com rapidez, amplitude e eficiência, mas, para assumir um papel mediador, reflexivo e formativo. Cabe ao docente planejar situações didáticas significativas, propor problemas autênticos, articular saberes e orientar o estudante no uso crítico, consciente e responsável das tecnologias digitais. Mais do que acessar informações ou respostas prontas fornecidas pela IA, o aluno precisa aprender a formular boa pergunta, avaliar a qualidade e a confiabilidade das informações, reconhecer vieses, limites e implicações éticas do uso dessas ferramentas. Nesse processo, o professor é fundamental para ajudar o estudante a transformar dados e informações processadas pela inteligência artificial em conhecimento contextualizado, aprendizagem significativa e pensamento crítico, promovendo autonomia intelectual, criatividade e responsabilidade social. Assim, a docência se fortalece como uma prática intencional, humanizadora e ética, na qual a tecnologia não substitui o professor, mas amplia suas possibilidades pedagógicas e reforça seu papel central na formação integral dos estudantes.

4. Conclusão

A análise das tendências de aplicação da Inteligência Artificial na Educação a Distância evidencia um cenário de transformação estrutural e irreversível. A IA deixou de ser apenas uma projeção futurista e se consolidou como força motriz na redefinição dos pilares da mediação pedagógica, da gestão do conhecimento e das práticas avaliativas. Ao viabilizar processos de personalização adaptativa, a IA oferece uma resposta concreta ao desafio histórico da massificação da EaD, permitindo que o ensino em larga escala preserve a individualidade do percurso formativo. Paralelamente, a automatização de avaliações complexas, incluindo análise textual avançada e identificação de competências de ordem superior, inaugura novas possibilidades para superar o conteudismo e promover aprendizagens mais profundas, embora introduza riscos significativos relacionados à autenticidade, autoria e integridade acadêmica.

Apesar de seu potencial disruptivo, a tecnologia não é um fim em si mesma. A incorporação eficaz da IA à EaD depende essencialmente do elemento humano: da intencionalidade pedagógica, da capacidade crítica e da visão ética que orientam seu uso. A reconfiguração do



papel docente — concebida no âmbito do Intelligent-TPACK — demanda que os professores dominem não apenas ferramentas tecnológicas, mas também compreendam seus impactos epistemológicos, os cognitivos e os socioculturais. Isso implica deslocar o foco da operação técnica para uma prática reflexiva, em que o educador atua como curador, designer e mediador de experiências de aprendizagem potencializadas por algoritmos, mas não subordinadas a eles.

O avanço da IA exige uma vigilância ética permanente. Questões relacionadas à privacidade de dados, vieses algorítmicos, opacidade dos modelos e desigualdades de acesso tornam-se elementos centrais do debate. Sem governança institucional sólida, políticas de transparência e marcos regulatórios claros, o uso da IA pode reforçar assimetrias e transformar processos educacionais em sistemas de monitoramento e controle. A responsabilidade das instituições de EaD vai além do investimento em infraestrutura computacional: envolve a criação de ecossistemas pedagógicos que priorizem a justiça educacional, a autonomia estudantil e a integridade do processo formativo.

O futuro da Educação a Distância mediada por Inteligência Artificial tende a configurar-se como um modelo híbrido e dialógico, onde a eficiência da máquina se articula com a sensibilidade humana, nunca a substituindo. As tecnologias inteligentes devem ser compreendidas como amplificadoras da ação pedagógica, e não como substitutas do trabalho docente ou da dimensão humana da aprendizagem. O desafio que se impõe é construir ambientes educacionais em que a IA funcione como instrumento de emancipação cognitiva, ampliando oportunidades, promovendo equidade e fortalecendo o protagonismo dos sujeitos. Somente assim será possível transformar o potencial da IA em um projeto educativo comprometido com qualidade, ética e humanização.

Como desdobramento natural desta investigação, os próximos passos da pesquisa incluem a ampliação do corpus teórico e empírico por meio do levantamento sistemático em outras bases de dados nacionais e internacionais, como, Web of Science, ERIC e SciELO. Essa etapa permitirá aprofundar a compreensão das diferentes abordagens, modelos e controvérsias que permeiam o uso da IA na Educação a Distância, bem como identificar lacunas ainda pouco exploradas na produção científica. A diversificação das fontes ampliará a robustez metodológica do estudo, possibilitando a comparação de tendências, a análise de convergências e divergências e a construção de um panorama mais abrangente e atualizado sobre o estado da arte. Esse mapeamento ampliado contribuirá para fundamentar futuras investigações empíricas e orientar a formulação de recomendações mais precisas para políticas, práticas e formações docentes no campo da EaD mediada por IA.



Referências

ANNAMALAI, Senthilraj; RAMNATH, R.; ANTONY, Soniya; DEVI, S. Brindha. Doctoral Researchers' Perspectives on Ethical Considerations in Artificial Intelligence in Education Through the Lens of the PAPA Framework. In: Ethics and AI Integration Into Modern Classrooms. [S.l.: s.n.], p. 493-517, 2025.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>

CELIK, Ismail. Towards Intelligent-TPACK: An empirical study on teachers' professional knowledge to ethically integrate artificial intelligence (AI)-based tools into education. *Computers in Human Behavior*, v. 138, p. 107468, 2023. 2

KIM, H. N. Detecting the Undetectable: The Need for a New Paradigm for Academic Writing Evaluation in the AI Era. *Communications in Computer and Information Science*, v. 2523 CCIS, p. 229-239, 2025

CHETYRBOK, Petr .; SHOSTAK, Marina ; ALIMOVA, Lennara. UAdaptive learning using artificial intelligence in distance education. *CEUR Workshop Proceedings*, v. 2834, p. 61-70, 2021. 3

ORGANISCIAK, Peter; ACAR, Selçuk; DUMAS, Denis; BERTHIAUME, Kelly. Beyond semantic distance: Automated scoring of divergent thinking greatly improves with large language models. *Thinking Skills and Creativity*, v. 49, p. 101356, 2023.

PRATIWI, Hardiyanti; RIWANDA, Agus; HASRUDDIN, Hasruddin; SUJARWO, Sujarwo; SYAMSUDIN, Amir. Transforming learning or creating dependency? Teachers' perspectives and barriers to AI integration in education. *Journal of Pedagogical Research*, v. 9, n. 2, p. 127-142, 2025.

RODRÍGUEZ, Elena; GUERRERO-ROLDÁN, Ana Elena; BANERES, David; KARADENIZ, Abdulkadir. An Intelligent Nudging System to Guide Online Learners. *International Review of Research in Open and Distributed Learning*, v. 23, n. 1, p. 41-62, 2022.



SALENDAB, Fahad; COGO, Donald; CATIPAY, Arnold; MILENDEZ, Grace Joy . The Role of Artificial Intelligence (AI) in Personalized Learning and Adaptive Assessments. In: Transforming Education With Data Science in the AI Era. [S.l.: s.n.], p. 93-122, 2025.

SUAZO-GALDAMES, Ivan Claudio.; CHAPLE-GIL, Alain Manuel. AI-Driven Assessment Systems in Higher Education: Effectiveness for Enhancing Critical Thinking and Creativity. Ingenierie des Systemes d'Information, v. 30, n. 6, p. 1665-1671, 2025

SUN, Rongjan; TANG, Minmin; ZHOU, Junjun; LOAN, Nguyen Thi Thuy; Wang, Cheng-Yen. The dark tetrad as associated factors in generative AI academic misconduct: insights beyond personal attribute variables. Frontiers in Education, v. 10, p. 1551721, 2025.

THOMAS, Danielle; BORCHERS, Conrad; BHUSHAN, Shambhavi; KAKARLA, Sanjit; HOUK, Alex; ABBOUD, Ralph; GUPTA, Shivang; GATZ, Erin; KOEDINGER, Kenneth . Improving Open-Response Assessment with LearnLM. Lecture Notes in Computer Science, v. 15881 LNAI, p. 220-227, 2025.

VELMURUGAN, Palanivel Rathinasabapathi; SWADHI, Robert; VARSHNEY, Krati; REGINS, Jimmy Carter. Creating engaging and personalized learning experiences in distance education: AI and learning analytics. In: AI and Learning Analytics in Distance Learning. [S.l.: s.n.], p. 103-126, 2025.

XIONG, Peng.; ZHANG, Yuanyuan. Artificial intelligence as an assistive technology in language education: investigating TPACK, self-efficacy, and organisational support. Disability and Rehabilitation: Assistive Technology, 2025.